

# RECORDAÇÕES DE “QORPO SANTO” EM TRIUNFO

No rio Jacuí, uma névoa criava um clima misterioso. O Oscar aponta a enorme torre de ferro, destoando da paisagem. A Verinha, com a cabeça para fora da lancha “Jacqueline”, comenta que Triunfo, visto do meio do rio, parece um cartão postal.

Desembarcamos. Subimos o barranco. A cidade. As casas coloniais. O silêncio de mais de dois séculos, numa manhã de sábado. O impacto de decorações modernas, janelas venezianas, jogadas em meio a uma arquitetura de muito tempo atrás. Uma praça de concreto rodeada de casas antigas, em frente a casa onde nasceu Bento Gonçalves.

Do outro lado, o Teatro União, de 1848. Na fachada, uma máscara teatral. Um teatro mal conservado, mas com ótima acústica e um excelente clima para “Qorpo Santo, um Século Depois”. No teto, a pintura original e lâmpadas com papel celefano colorido. Bandeirinhas de São João. Camarins subterrâneos e uma porta misteriosa, pregada, aparentemente não dada a lugar nenhum.

Depois um café, num bar que ia fechar naquele dia. O primeiro contato direto e amável com as pessoas do lugar. Saímos. O “seu” Arnaldo nos espera e leva todo mundo para caminhar e conhecer a cidade. Primeiro a Igreja, de 1754, voltada para o rio, restaurada. Debaixo do piso, o túmulo de Jerônimo de Ornelas, fundador de Porto Alegre. A sacristia, o coro, a pia batismal não mais usada, a torre, o sino.

Em seguida, a casa onde nasceu Qorpo Santo. Uma rua sem calçamento. A casa verde, fechada. Com modernas lajotas amarelas enfeitando a frente. O proprietário mora em Porto Alegre. A casa abandonada, com vidros quebrados. A Liana pede ajuda e é erguida para ver o interior através de um dos vidros quebrados da porta da frente.

A visita a outros prédios históricos. A prefeitura. As informações do “seu” Arnaldo.

O local onde foram filmadas cenas de “Capitão Rodrigo”. E a nossa curiosidade pelo sótão da prefeitura. Restos de janelas da época, portas, lampiões...

O encontro com o Merg. O papo sobre os objetivos do Festival da Primavera. A conservação do patrimônio histórico. Os problemas de cidade grande que Triunfo terá em breve. A instalação do Pólo Petroquímico. Depois a distribuição das acomodações para cada um, em casas particulares. As famílias ajudando a passar a roupa do espetáculo.

O público entrando e assistindo os nossos preparativos. A curiosidade. A força da Lucinha Vangogh, do Gilberto Felisberto, do Jurandir (na noite fria, o conhaque numa garrafa de guaraná). A nossa expectativa e a do público. O papo da Liana com a platéia, falando de Qorpo Santo. Os comentários das pessoas que curtiaram a nossa maquilagem, a colocação das coroas, das roupas, das perucas... A apresentação de “Hoje sou um; e Amanhã Outro”. A ótima reação para uma peça mais contida. O intervalo. E o público continua observando tudo e todos. “Mateus e Mateusa”. As gargalhadas já na primeira cena. A força e atualidade de dois textos de Qorpo Santo, escritos há mais de um século, mostrados na sua cidade, para seus conterrâneos. Os aplausos. Os comentários indicando que atingimos nossas proposições.

A nossa volta. Os comentários sobre uma cidade que nos recebeu cordialmente. Nossa apoio para o Festival da Primavera que pretende ser anual, valorizando cada vez mais os aspectos da cultura nacional. A lembrança da janta depois da estreia. Do bandeoneon do “seu” Arnaldo. Do barulho do rio, à noite. Da serenata de despedida. E do silêncio.

(Impressões da estréia de “Qorpo Santo, um Século Depois”, em 11 de setembro de 1976, na abertura do Festival da Primavera, em Triunfo)



As fotos deste programa foram feitas em Triunfo.

## CRONOLOGIA DA VIDA DE QORPO SANTO

1829 — Nasce José Joaquim de Campos Leão, na Vila do Triunfo, Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, às 11 horas do dia 19 de abril.

1839 — Morre o pai de Qorpo Santo.

1840 — Qorpo Santo vem para Porto Alegre com o propósito de estudar “gramática nacional” e dedicar-se “à espécie de trabalho lucrativo” que mais conviesse a ele e sua família, conforme diz na Autobiografia que publicou nas primeiras páginas do volume II da Encyclopédia. Está em pleno curso a Revolução Farroupilha.

1842 — 26 de abril — Começa a trabalhar na casa comercial de propriedade de José Francisco dos Santos, em Porto Alegre.

1846 e 1847 — Pouco depois de terminada a Revolução Farroupilha (1845), viaja pelo interior da província realizando cobranças para Belarmino Peixoto de Oliveira, comerciante estabelecido no município de Cachoeira do Sul.

1851 — 23 de junho — Presta juramento como professor público na Vila de Santo Antônio da Patrulha.

1852 — Torna-se “eleitor especial” dessa vila.

— Segundo informações que se transmitem de geração para geração da família Xavier da Luz, de Santo Antônio da Patrulha, Qorpo Santo fundou, com outras personalidades dessa vila (na época), uma Loja Maçônica e um “Grupo Dramático”. O drâmafurgo editava um boletim manuscrito, denominado

“O Pharol”, que era afixado à porta desse boletim. Essas informações foram colhidas por José Manse Jr. e divulgadas na seção Revivendo o Passado, do Correio do Povo de Porto Alegre, de 6 de novembro de 1966. O responsável pela seção era o jornalista Archymedes Fortini, já falecido.

1856 — Retorna a Porto Alegre.

29 de junho — Casa-se com D. Inácia Maria. Torna-se diretor do Colégio São João.

1857 — José Joaquim de Campos Leão e outro professor, Francisco Polly, fundem os estabelecimentos que dirigiam num só, que passa a se chamar Colégio Brasileiro e Francês de São João, dedicado ao ensino primário e secundário. Nesse mesmo ano viaja para Alegrete, fundando lá o Colégio de Instrução Primária e Secundária Alegrense.

1859 — É nomeado subdelegado de polícia em Alegrete.

1860 — É eleito vereador da Câmara Municipal de Alegrete.

1861 — Retorna a Porto Alegre, “por moléstia de pessoas da família”, segundo diz na Autobiografia.

1862/1864 (?) — Começa o processo judicial de interdição de sua pessoa por doença mental. É suspensa da cargo de professor.

1866 — Estando ainda em curso seu processo de interdição, escreve, de janeiro a junho, pelo menos 16 das 17 peças de teatro hoje conhecidas. O Brasil já está em guerra com o Paraguai.

1867 — É examinado, em caráter oficial, pelos médicos Dionísio de Oliveira Silveira e Carlos Benjamin Petras, a 9 de março. Ambos declararam são e apto para retornar ao magistério.

1868 — O Juiz de Órfãos e Ausentes de Porto Alegre, Augusto César de Pádua Fleury, decide enviá-lo para o Rio de Janeiro, a fim de submetê-lo a exame médico no Hospício D. Pedro II.

5 de maio — Deixa o Hospício D. Pedro II e vai para a Casa de Saúde Doutor Eiras. Os médicos José Joaquim Ludo-vino da Silva e Inácio Francisco Goulart lhe dão atestado oficial dizendo que apresenta, por vezes, uma atividade mental “super-excitada” (sic), mas que esta é a única irregularidade que observaram.

19 de maio — Obtém um atestado do Dr. João Vicente Torres Homem, dizendo que isso não é suficiente para declarar “móbido seu estado psíquico”. Acrescenta o médico que não é aconselhável mantê-lo em reclusão porque essa medida só agravaría o mal. Em despacho sem data, o Juiz de Órfãos e Ausentes do Rio de Janeiro, Luís de Assis Mascarenhas, o libera, considerando-o apto para exercer a profissão e gerir os seus bens e a família.

15 de julho — O Juiz Antônio Correia de Oliveira reabre o processo contra Qorpo Santo, determinando a realização de novo exame médico.

23 de julho — Através de ofício, Qorpo Santo recusa-se a comparecer ao exame.

1º de agosto — O Juiz Antônio Correia de Oliveira intima-o novamente a comparecer a exame médico.

6 de agosto — Mais uma vez Qorpo Santo recusa-se a comparecer.

17 de agosto — Através de despacho oficial, o Juiz Antônio Correia de Oliveira declara Qorpo Santo definitivamente incapaz de gerir sua pessoa, seus bens e sua família.

Durante esse mesmo ano Qorpo Santo edita em Porto Alegre o jornal “A Justiça”, de que é proprietário e único redator. Publica poemas, artigos e defende-se das acusações de louco que lhe fazem.

1871 — Residindo em Alegrete, volta a editar “A Justiça”.

1877 — Novamente em Porto Alegre, edita os volumes de sua Encyclopédia ou Seis Mezes de Human Enfermedade, impressos em tipografia própria, à rua General Câmara, no centro da cidade.

1883 — 1º de maio — Morre em Porto Alegre, aos 54 anos de idade, de tuberculose pulmonar. Deixa, como herdeiros, mulher e quatro filhos. O inventário, realizado ainda em maio de 1883 e conservado hoje no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, mostra que possuía uma fortuna razoável em bens imóveis, para a época: o valor de suas propriedades somava 39 contos e 150 mil-réis.

(Extraído do livro Os Homens Precários, de Flávio Aguiar)

# PARATEIO

uma revista gaúcha

Publicação da pequena grande imprensa,  
a partir de Outubro nas bancas.